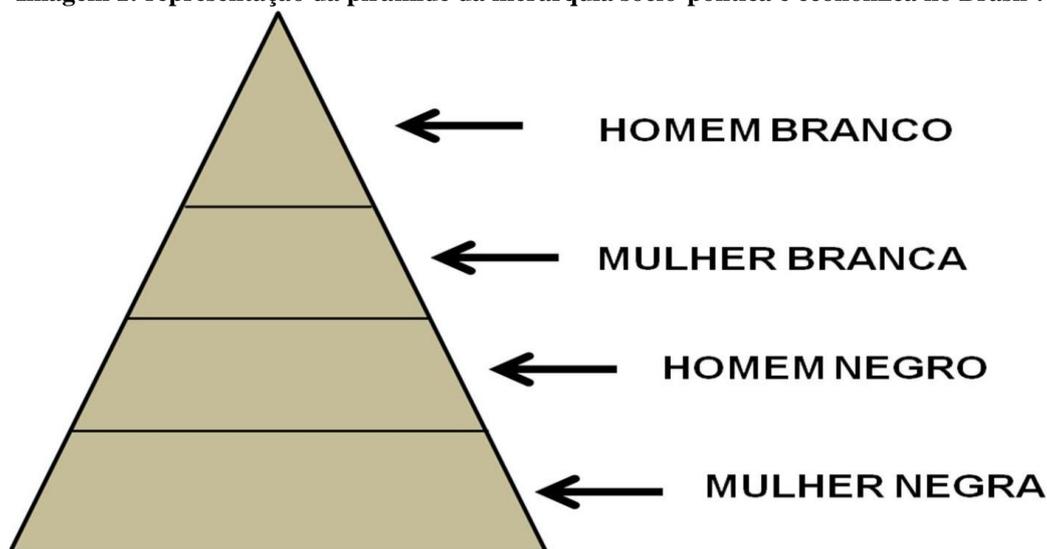


## Homens negros, Negro homem: para discutir masculinidades negras na escola.<sup>1</sup>

Alan Augusto Moraes Ribeiro<sup>2</sup>.

As pesquisas de Fúlvia Rosenberg (2001a; 2001b), baseadas em tabulações de microdados das Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios dos anos de 2003 e 2009, registrou que o *gender gap* (hiato de gênero) no sistema educacional brasileiro foi invertido nos últimos anos em favor das mulheres. Os números referente à 1) média de anos de estudos em diferentes faixas de idade, 2) taxas de distorção série-idade, 3) sucesso e desempenho escolar no ensino básico e 4) acesso aos cursos de graduação e pós-graduação desenham um pirâmide social no sistema educacional brasileiro que é diferente daquela pirâmide das desigualdades sociais globais no Brasil quando pensamos neste hiato de gênero e raça/etnia no Brasil.

**Imagem 1: representação da pirâmide da hierarquia sócio-política e econômica no Brasil<sup>3</sup>.**



Também nesta direção de perspectiva, Alceu Ferraro (2010), ao analisar os microdados do Censo de 2000 na perspectiva de raça e “classe social” (capturando esta noção de classe social por posição na estrutura ocupacional de trabalho e serviços), observou que a manutenção de uma diferença de “(...) quase 2 anos de estudo apresentada pela população negra em relação à branca” indica que a inversão ou reversão do “hiato de gênero” no que se refere ao desempenho e progressão escolar ocorre tanto na população branca, quanto na negra. Porém, esta reversão ocorre antes para a população de mulheres negras na faixa etária de 40 a 49 anos, do que para a população de mulheres brancas na faixa etária de 30 a 39 anos (no ano de 2000). Tanto Rosenberg como Alceu

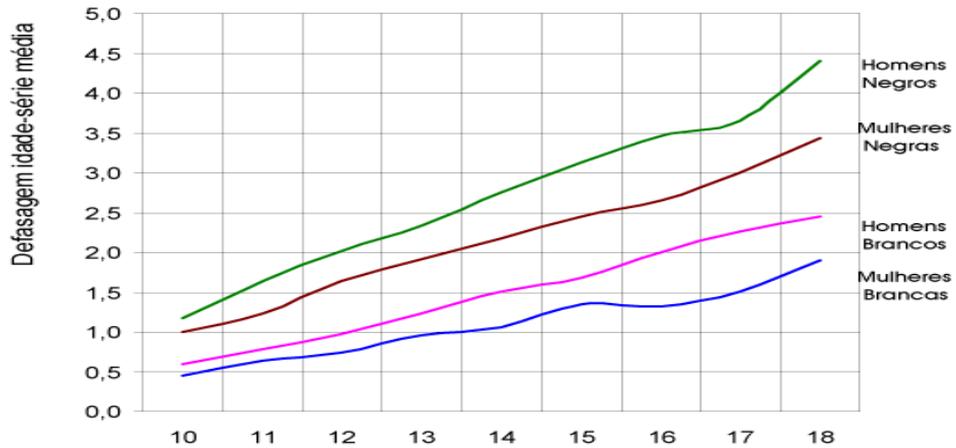
<sup>1</sup> Texto para Apresentação no curso Educação, Direitos Humanos, Gênero, Sexualidade e Raça.

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universalidade de São Paulo (Faculdade de Educação – Sociologia da Educação.)

<sup>3</sup> Todas as imagens, gráficos e tabelas foram retirados dos trabalhos de Fúlvia Rosemberg e Alceu Ferraro.

Ferraro assinalam que são os homens em comparação com as mulheres que enfrentam estes problemas no sistema escolar. Porém, especificaram que seriam os homens pretos e pardos que, por sua, estariam em pior situação neste sistema.

GRÁFICO 2 – DEFASAGEM IDADE-SÉRIE MÉDIA\* NA FAIXA ETÁRIA DE 10 A 18 ANOS, SEGUNDO SEXO E COR. BRASIL



Fonte: PNAD 1999.

\*Defasagem idade-série média está definida como: idade-série-7.

### Taxa de distorção série-idade no EM segundo cor/raça e sexo

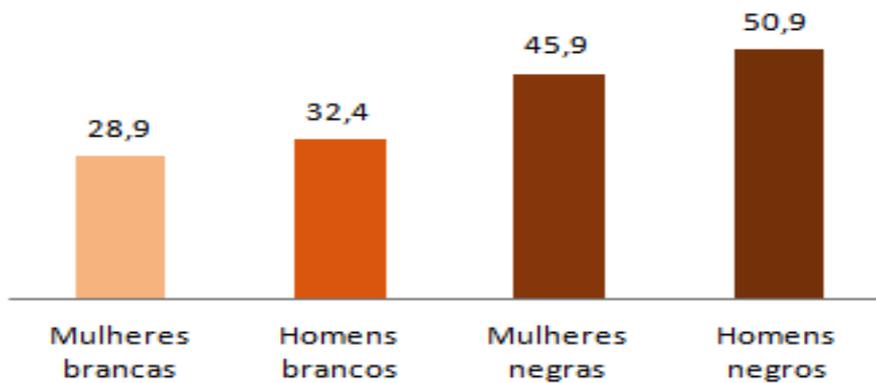


Tabela 3  
Distribuição dos estudantes de 5 anos e mais, por sexo e raça segundo os níveis de ensino. Brasil, 1999.

Níveis de ensino	Homens		Mulheres	
	brancos	negros	brancas	negras
Pré-escolar	9,4	10,3	8,9	9,3
Fundamental	66,3	76,6	61,7	73,9
Médio	16,1	11,2	19,2	14,1
Superior	8,2	1,9	10,2	2,7

Fonte: PNAD 1999 *apud* CNDM (2001).

Nota: Exclui-se população rural da região Norte.

A grande contribuição destes dois pesquisadores foi apontar para a especificidade do sistema escolar brasileiro no que tange ao modo como as hierarquias sociais em termos de sexo e raça/etnia são tecidas politicamente nos espaços escolares. Ao lado deles, as pesquisas de Marília Pinto de Carvalho, com base em pesquisa qualitativa e observações diretas de práticas escolares cotidianas, identificaram processos relacionais e práticas sociais que ajudaram a entender porque homens negros tem ocupado as piores índices de desempenho escolar. Articulando diálogos analíticos com os perspectiva teórica de R. W. Connel sobre masculinidades, Carvalho também apontou para as melhores condições de acesso, permanência e sucesso no sistema educacional do conjunto de mulheres quando comparado ao conjunto de homens (Carvalho, 2004a; 2004b; 2005; 2010). Em uma de suas pesquisas de campo, após observar 8 (oito) turmas de 1 a 4 série em uma escola pública de São Paulo, Carvalho apontou para a existência de um conjunto de estereótipos que são transferidos aos alunos negros do sexo masculino, que acabam sendo “transformados em potenciais suspeitos de toda indisciplina” (Carvalho, p. 89, 2005). Segundo Carvalho:

Na escola, a hetero-classificação de raça seria influenciada pela existência ou não de problemas escolares – disciplinares ou de aprendizagem –, considerados como parte constituinte do *status* da criança, com uma nítida articulação entre pertencimento à raça negra, masculinidade e dificuldades na escola (Carvalho, p. 88, 2005).

Esta pesquisadora assinala que este conjunto de estereótipos articula nas relações escolares uma “associação, no quadro de referências utilizado pelas professoras [entrevistadas] para avaliar as crianças, entre um tipo de masculinidade negra e o baixo desempenho na aprendizagem” (Carvalho, p. 94, 2005). Estas pesquisas favorecem estudos aprofundados e suscitam discussões e pesquisas que procuram explicar como diferentes “meninos negros” e “homens negros” se constroem e são socialmente identificados, socializados e construídos como “meninos negros” e “homens negros”

também nas experiências vividas na escola. Em outras palavras, nas tentativas de explicar o sucesso e o fracasso escolar, ainda resta discutir o peso da instituição escolar nestas construção de masculinidade, de aluno, criança e jovem negro (Carvalho, 2004a; 2004b; 2005).

Quais são os elementos simbólicos e materiais que constróem um indivíduo como homem e negro, associando-o muitas vezes às práticas e ações negativizadas e subalternizadas em diferentes espaços e contextos de relações sociais? Como podemos construir vocabulários, discursos e narrativas que nos possibilite desvendar experiências, relações e processos sociais amplos e localizados (dentre os quais as experiências sociais nas escolas) que nos leve a compreender as complexidades destas masculinidades negras ? De que homens negros estamos falando?

### **Homem e Negro, Negro e Menino: teorias sobre masculinidades, raça e classe.**

Para R. W. Connel (2000; 1997), masculinidades são processos de configurações da prática que não devem ser vistas como equivalentes de homem, pois masculinidades são processos e não grupos de pessoas. Masculinidades são também lugares de privilégio que fazem com que a maioria dos homens recebam dividendos patriarcais com base em uma dita subordinação geral das mulheres. Para ela, existe um regime de gênero no qual existem *masculinidades hegemônicas* (onde ser branco, heterossexual, rico e ocidental são suas marcas mais visíveis) que estão sobrepostas a *masculinidades marginalizadas ou subordinadas* (aquelas masculinidades identificáveis entre negros, gays, pobres, não-brancos, transgêneros). Neste modelo, Connel assinala que as masculinidades não são identidades fixas, mas configurações da prática de gênero que devem ser lidas como constructos políticos complexos localizados hierarquicamente em um regime de gênero.

Entretanto, no que tange às masculinidades negras, é possível identificar neste modelo uma insuficiência. Quando percebe as masculinidades negras a partir da masculinidade hegemônica como símbolo do poder patriarcal racial, este modelo pode nos levar a reduzir as leituras sobre a) as complexidades das subjetividades vividas por homens negros percebidas sobre si mesmos e b) as múltiplas práticas sociais por eles experienciadas ao suposto status subordinado no interior da estrutura racial dominante e do regime de gênero. Além disto, este modelo negligencia o status real que é conferido à homens negros em um conjunto de outras relações vividas em práticas cotidianas, em espaços de lazer, na interação com familiares, com a comunidade de origem ou mesmo em contextos que valorizem estes sujeitos como indivíduos autônomos (Summers, 2004; hooks, 2004).

Pensar masculinidades negras por meio dos feminismos negros é poder registrar que a regra falocêntrica é danosa para homens negro porque, por um lado, definem-se como fraquezas elementos destas masculinidades porque são associados com feminilidades e, por outro lado,

condena a possibilidade de ser um sujeito com fragilidades, mas não sem recursos e potencialidades, “desafiando ficções do eu entre homens negros” (Awkward, 2001, p. 190). Isto ajuda a explicitar no plano da análise que os efeitos do racismo e do sexismo não são unidirecionais e não atuam da mesma maneira sobre diferentes homens negros e mulheres negras. Esta crítica do feminismo negro também é uma das maneiras pelas quais podemos sugerir que o sexismo como instrumentos hegemônico de organização social têm alguns efeitos negativos sobre homens negros.

Com a perspectiva da interseccionalidade, não se pretende explicar que diferentes opressões atuam de maneiras equivalentes e justapostas ou se somam e se encontram na vida social individual de um sujeito injustiçado. Esta noção também não pretende explicar tudo, como um corpo teórico totalizante. Ao registrar que um “homem, rico, branco e heterossexual” precisa ser investigado por meio deste quadro interpretativo, deixamos de conceber esta construção histórica, política e simbólica como uma inscrição tacitamente apriorística. Esta inscrição real passará a ser objeto de análise, tensionando sua pretensão de universalidade. A abordagem interseccional é, deste modo, um instrumental analítico complexo para pensar relações sociais e sujeitos, exigindo a investigação dos privilégios vividos por este “homem, rico, branco e heterossexual”. Por isso, é na análise de formas reais de ser homem resultantes da opressão que podemos investigar se ser “homem, negro, gay e pobre” é a antítese subalternizada daquele, um tipo ideal desigual que alimenta o privilégio daquele ou um outro modo de ser homem negro com sua lógica, auto-percepção de si e dinâmicas de performances próprias (Gates, Jr, 2001; Fialho, 2006).

É por este motivo que o “encravamento” entre raça, gênero e classe pode servir como um mecanismo analítico que ajuda a delinear os significados de “masculinidade negra” com um lugar de privilégio subordinado, muitas vezes percebido pela falta material ou pela exacerbação de elementos sociais precários, deixando de lado a vivência de empoderamentos escassos, vulnerabilidades emocionais e suscetibilidades psicológicas (Collins, 1986, p. 19; hooks, 2004).

Isto pode nos levar a fazer dois conjuntos de perguntas: 1.) Que privilégios estas masculinidades racializadas compartilham? Em que condições reais estas masculinidades racializadas lutam por estes privilégios? 2.) Dividendos patriarcais são recebidos *do mesmo modo* por todos os sujeitos que vivenciam masculinidades? Os estereótipos sexuais sobre homens negros são resultados do sexismo e não apenas do racismo, mesmo que o privilégio patriarcal posicione tais masculinidades como configurações vantajosas. Se este privilégio permanece intacto mesmo quando é recusado pelos homens (hooks, 2000, p. 67), resta saber se esta vantagem é recorrentemente presente ou contingencial conforme o contexto relacional. O que a perspectiva da interseccionalidade ensina é que estas indagações somente fazem sentido produtivo para a análise se pensarmos em relações sociais nas quais o “encravamento” entre raça, classe e gênero é mobilizada a partir de uma *Black Experience*, isto é, de uma experiência social coletiva na qual o olhar parte

“desde dentro”, tensionando crítica e auto-crítica nos processos de investigação feitos por homens negros sobre si mesmos e sobre um conjunto de relações sociais múltiplas vividas por eles.

O valor real do feminismo para homens negros deve se originar da habilidade de literalmente transformar nossa visão de mundo, particularmente em resposta à nossa aceitação de versões muito rígidas sobre masculinidades negras (Ikard, 2002; Awkward, 2001; Neal 2005). Podemos dizer que bell hooks é uma das feministas negras que mais escreveu sobre homens e masculinidades negras. Em seu primeiro escrito sobre o tema, no livro *Feminist Theory: from margin to center* (1984), ao discutir a composição racial do feminismo radical estadunidense explicita que a associação entre o discurso anti-homem deste grupo do feminismo estadunidense e o seu lugar racial e de classe tanto negligencia parcerias e relações positivas entre mulheres e homens negros na luta antirracista, como também esconde que este grupo de mulheres possuem, muitas vezes, mais privilégio e poder real do que inúmeros homens negros, pobres e pouco-escolarizados.

Para bell hooks, posicionamentos radicais anti-homem que localizam homens negros, pobres e pouco-escolarizados no mesmo lugar que homens brancos de classe média e ricos, definindo-os do mesmo modo como os “inimigos”, os “opressores” e os “misóginos” silenciam sobre o lugar social quase similar que suas defensoras ocupam, muitas vezes, ao lado dos segundos (hooks, 1984 p. 69). Ademais, este tipo de ação política enfatiza conflitos, ódios e aversões que já existem nas relações entre mulheres e homens negros em decorrência do racismo e do sexismo, negligenciando o fato de que certos lucros políticos oriundos dos privilégios patriarcais não são “recebidos” do mesmo modo por todos os homens. Além disto, assinala que tais discursos em favor da luta por igualdade com os homens tanto não explicita o tipo social de homens com quem se quer a igualdade, como também minimiza a possibilidade de parcerias entre mulheres e homens anti-sexistas em ações políticas concretas (hooks, 1984, p. 72).

Posteriormente, em uma segunda reflexão sobre o tema, em 1989, em um capítulo do livro *Talking Back, Thinking Feminist, Thinking Black*, em 1984, propriamente intitulado *Feminist focus on men: a comment*, além de criticar, naquele contexto, a pouca produção intelectual do feminismo negro interseccional sobre masculinidades negras, assinala que tal reflexão possuiria o diferencial de perceber o sexismo e a misoginia em torno das homens negros também no espaço das relações íntimas e privadas. Neste texto, bell hooks, articulando a noção de diálogo presente no livro *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, diferencia o encontro de submissão-dominação do encontro de amor e cuidado para sugerir que, embora o segundo possa ocorrer de modo menos problemático para o homem negro nas relações que ele têm com mães e irmãs, a reversão desta distorção feita sob a dominação masculina pode ser encontrada na reciprocidade e no cuidado afetivo, os quais podem ser nutridos pelo amor e pelo diálogo como ações concretas, sobretudo quando este sujeito assume seu lugar de privilégio estrutural; ao mesmo tempo, são os temores do

homem negro, suas fragilidades, suscetibilidades e paradoxos sobre si que precisam ser explicitados nas relações que constrói, resgatando sua humanidade (hooks, 1989, p. 130-131).

No terceiro escrito, bell hooks (1992), reitera que o destaque dado ao falocentrismo como ideal de comportamento entre homens negros e na análise sobre masculinidades acaba por negar um conjunto de dores, sofrimentos e vulnerabilidades nestes homens. Esta crítica está presente em autores que, como hooks, passam a discutir o que chamam de *reconstrução*, isto é, uma abordagem que se preocupa tanto com a percepção e análise acerca das masculinidades negras, como também sobre os reflexos práticos de um modelo de socialização que naturaliza a divulgação de um tipo ideal de homem negro como essencialmente falocêntrico, violento e patriarcal que incide na própria auto-percepção dos envolvidos.

Com esta abordagem se pretende desmobilizar a ideia reificada que associa a “macheza” com provisão material da família e uma correspondente autoridade patriarcal, com insensibilidade emocional, com heterossexualidade e com um comportamento misógino, garantindo, deste modo, uma identidade masculina negra individualmente completa. Na mesma direção, *reconstruir* significa, também, desconstruir um forte elemento valorativo que torna a busca pela imagem do *patriarca* uma pretensão doentia, uma procura que envolve a mimetização precária de uma imagem tida com um coerente eu racial integral ideal, uma imagem de masculinidade que atua como uma entidade fantasmagórica efetiva na auto-percepção sobre si entre muitos homens negros (Johnson, 2001; Laymon, 2013; Neal, 2005; Gilroy, 2001).

Mesmo que esta perspectiva de *reconstrução* de masculinidades focalize homens negros, ela é extensiva sobre os diferentes sujeitos pois encerra uma preocupação com novos processos de reeducação em torno de dinâmicas relacionais que valorizem a dignidade humana e que critiquem uma lógica de consumo na qual *Blackness* é comodificada por meio de um discurso violento em expressões da cultura popular que é financiada por “donos brancos” e usada de modo cínico em uma divisão do trabalho na qual muitos homens até podem compartilhar direitos conquistados pelas mulheres, mas se recusam a cumprir os deveres e obrigações (hooks, 2004; Carneiro, 2013).

Se por um lado esta perspectiva também pretende abrir frentes de investigação sobre a auto-percepção do homem negro (jovem ou adulto) como um caminho para se discutir criticamente a ideia de “homem completo”, por outro lado ela registra que “a supremacia branca bloqueia continuamente o seu acesso [do homem negro] a este ideal patriarcal” (hooks, 1992, p. 91). A partir de pesquisas que verificaram um maior nível de empregabilidade de mulheres negras e maior capacidade de suportar limitações e dificuldades vividas no espaço de trabalho em comparação a homens negros, alguns analistas tomaram estas supostas qualidades como motivos suficientes para explicar que a violência de gênero vivida por mulheres negras seria resultado de um sentimento de castração e de emasculação simbólica entre homens negros. Críticas feitas por bell hooks (2004) e

Patrícia Collins (Collins, 1998, p. 31) a esta explicação são feitas em duas direções.

Em uma primeira direção, reforçar a ideia de mulher negra forte e sábia por natureza é reforçar estereótipos que reforçam interpretações mitologizantes e noções que criam despersonalização política (hooks, 2003; 2004a, p. 113; [1984] 2000, p. 47). Ao mesmo tempo, dizer que homens negros são os autores da violência de gênero contra as mulheres negras é retirar a responsabilidade do Estado, das instituições públicas e de sujeitos não-negros privilegiados diretamente implicados nestas diferentes práticas de violência. Dar visibilidade à um suposto fracasso e ressentimento vivido por homens negros diante de conquistas profissionais de mulheres negras é afirmar que eles não são vítimas de uma “violência de gênero racializada” (*racialized sexual violence*) como o genocídio policial, o encarceramento, a brutalização social e linchamentos públicos (hooks, 2004, p. 78; Neal, 2005; Laymon, 2013).

Registrar que apenas homens negros são aficcionados e desejosos por esta masculinidade arquetípica apenas é possível se esquecermos que “os homens negros que estão mais preocupados com a castração e emasculação são aqueles que estão completamente absorvido pelas definições de masculinidade 'essencialmente' patriarcais da supremacia branca” (hooks, 1992, p. 104). É necessário repensar como estes sujeitos são socializados como “homens negros” para além do controle exercido sobre eles por aquilo que se chama de falocentrismo, olhando para vidas reais e não estigmas e expectativas comportamentais. Ademais, este tipo de registro desconsidera a existência de diferentes configurações alternativas da prática de gênero, ocultando a existência de masculinidades que não se percebem a partir da virilidade e da truculência e que assumem fragilidades e vulnerabilidades (Fialho, 2006; Medrado, 2014; Figueroa-Perea, 2004).

No quarto escrito sobre o tema, o livro *We Real Cool: black man and maculinity* (2004), que pode ser concebido como uma reunião, sistematização e amadurecimento de reflexões anteriores de bell hooks sobre masculinidades negras e sobre homens negros, um dos diferentes temas presente em sua produção intelectual, bell hooks elaborou uma análise crítica sobre homens negros e suas masculinidades sob três aspectos: I) os modos de representação ideológica sobre masculinidades negras em distintos espaços comunicacionais e intelectuais, II) reflexões analíticas sobre práticas de socialização da juventude negra e os resultados desta socialização nas masculinidades negra e III) apontamentos esclarecedores sobre os estereótipos sociais mobilizados historicamente sobre homens negros como configurações práticas da intersecção entre racismo, sexismo, desigualdades de classe, nacionalidade e sexualidade.

Neste livro completamente dedicado ao tema homem e masculinidades negras, hooks concentra suas análises sobre um conjunto de estereótipos presentes em um corpo ideológico herdado do século XVIII e XIX que ela identifica pela expressão “*plantation patriarchy*”, chamando a atenção para um modelo de socialização que preconiza um tipo de masculinidade entre

homens negros essencialmente dicotômica, o que ela denomina por diferentes nomes: “*sexist socialization*” e “*patriarcal socialization*” (2004, p. 51-58). Na medida em que esta socialização entre jovens concebe uma masculinidade negra hegemônica por meio de estereótipos marcados pela exacerbação físico-genital e incompletude intelectual, é a mobilização de tais traços como imanes destas masculinidades em uma psicologia coletiva que deve causar preocupação, pois estes traços acabam se tornando “ficções e definições sociais prevaletes sobre masculinidades negras” (Awkward, 2001, p. 186; hooks, 2004).

Esta concepção dicotômica sobre homens negros já foi chamada por Frantz Fanon de cissiparidade: “O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro (...) Esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial” (Fanon, 2008, p. 33). Esta noção de cissiparidade, destacando a ambiguidade e a ambivalência no comportamento de negros em contexto colonial e sob a égide do próprio poder colonial é próxima de algumas análises do feminismo negro sobre os maneiras como os processos de socialização são vividos por muitos homens negros, sobre os quais se instilam a associação entre politização racial e comportamento “raivoso”, virulento e ingênuo. Em outras palavras, virilidade, hipermasculinidade, truculência, hipersexualização e anti-intelectualismo obscurantista tem sido apontados como comportamentos socialmente autorizados impressos em um modelo de homem negro agressivo, materialista e incapaz que é divulgado na sociedade em geral como um modelo comum legítimo e naturalizado (hooks, 2004; 1992).

O anti-intelectualismo envolve dois elementos íntimamente associados. O primeiro é um recorrente distanciamento entre maneiras normativas de ser homem negro das práticas de constituição de *Self* pautadas na intelectualização e no trabalho reflexivo como qualidades socialmente valorizadas. O Segundo é uma persistente associação entre trabalho intelectual-acadêmico em todos os níveis de escolaridade com um feminino normativo, levando à correlações pejorativas entre homens negros com bom desempenho escolar e identidades homossexuais, afastando a possibilidade de inscrever a heterossexualidade entre masculinidades negras com atributos como sensibilidade, emocionalidade, afetuosidade e perspicácia intelectual:

Em algumas famílias negras onde a leitura é encorajada para as meninas, um menino que gosta de ler é percebido como suspeito, como aquele que está sendo encaminhado para ser um “maricas”. Certamente, uma vez que pessoas negras compram a noção de uma masculinidade patriarcal, a qual declara que um homem de verdade é um corpo sem mente, garotos negros que são intelectuais, que querem ler e que querem amar os livros correm o risco de ser ridicularizados como não-masculinos (hooks, 2004, p. 38).

Esta socialização instila sobre homens negros o arquétipo do “*ghetto gangsta-boy*”, definido como um requisito indispensável para se obter autenticidade racial: para ser visto como negro legítimo, é necessário ser truculento, virulento e agressivo. Esta associação, por outro lado, trafica

subrepticiamente uma perversa sugestão. Nela, instila-se que ao comportamento truculento, virulento e agressivo entre homens negros cabe o papel de canalização emocional possível como expressão de sentimentos e expressões de fragilidades. Em outras palavras, se está circula em nossas ideias do senso comum que “negros verdadeiros” são entes com fisicalidade agressiva e politização virulenta ou, na melhor das hipóteses, com traços agonisticamente histriônicos, às emocionalidades entre homens negros, cabe o confinamento, o represamento e a contenção da super-emoção que é própria violência como expressão de nenhum auto-controle autônomo e ativo.

Por outro lado, quando destoam deste comportamento, escolhendo outros modos de criticar o sistema racial, surgem outros traços definidores, a saber, a passividade, a inofensividade e conservadorismo político, usados como os termos designar daqueles que, sem “combatividade”, aceitam um “lugar” concedido nos espaços de poder sendo vistos como amostras do tokenismo, isto é, uma concessão de lugares em espaços de poder a indivíduos de minorias que não afirmam de fato o seu poder coletivo. Eles serão os “homens negros paradigmáticos”, vistos como símbolos de diversidade em espaços de poder (hooks, 2004, p. 40; Collins, 2004; Cashmore, 2000). Este paradigmatismo pode ser uma armadilha ambivalente que silencia sobre dilemas existenciais vividos por homens negros em razão de demandas comportamentais estereotipadas:

Apesar de escutarmos inúmeras vezes que homens negros privilegiados assumem o estilo “garoto gangster do gueto”, raramente ouvimos falar sobre a pressão que eles recebem das pessoas brancas para provar que são “negros de verdade”. Muitas vezes, em contextos educacionais predominantemente brancos, homens negros assumem o papel de menestrel do gueto como um modo de se proteger da raiva racializada e branca. (...) Eles querem parecer inofensivos, não ameaçadores, e, para fazê-lo, precisam entreter as pessoas ignorantes, deixando-as saber que “Eu não acho que sou igual a você. Eu sei o meu lugar. Mesmo que eu seja educado, sei que você pensa que eu ainda sou um animal no coração”. (hooks, 2004, p. 40).

Este “homem negro paradigmático” também é mobilizado como um tipo de performance social para naturalizar um lugar de poder despolitizado, passivo e não-assertivo como corolário do “(...) legado da masculinidade patriarcal benevolente e sua concomitante ética do trabalho e a saudade pelo poder enraizado na vontade de dominar na conquista”, procurando reinstaurar o poder sem necessariamente recorrer à força física (hooks, 2004, p 16). Quando se detêm na explicação do funcionamento da socialização patriarcal, bell hooks critica a representação estereotipada, na mídia, de masculinidades negras como identidades fixas nas quais se imputam estas imagens do “homem negro paradigmático” em práticas e falas alegóricas que destacam o anti-intelectualismo ao invés da educação formal como fonte de conhecimento, poder e liberação política, desvalorizando-a entre homens e mulheres negras em favor de um conjunto de valores e traços sócio-psicológicos como a

virulência física, o sexismo e o materialismo (hooks, 2004a, p. 38; 1994)<sup>4</sup>.

Por outro lado, quando um homem negro “politicizado” critica os sistemas racistas, ele pode ser rapidamente definido como aquele que faz isto de modo truculento, desordenado e politicamente ineficaz, mesmo que não atue deste modo. Ele poderá ser facilmente visto como o militante sem rigor analítico, aquele que grita e não argumenta, aquele que briga, mas não convence. É aqui que uma dúvida comportamental se instaura como um desafio existencial nestas masculinidades. Estes traços estereotipados acabam sendo vistos como elementos comportamentais constitutivos e legítimos, como componentes desta autenticidade racial inscrita em homens negros, o quais, muitas vezes, ao subscrevê-las, delineiam imagens estereotipadas sobre si mesmo (hooks, 2004, p. 38-52).

Por esta razão, ao criticar o racismo com sua linguagem própria, poderá ser visto como uma pessoa truculenta, desordenada e politicamente ineficaz. Homens negros críticos do racismo serão lidos como militantes sem rigor analítico; de suas falas serão destacadas os gritos desordenados e não os argumentos organizados, eles serão os “brigões” que não convencem ninguém. É aqui que a dúvida comportamental aparece como um desafio existencial. Sentir-se vigiado, aterrorizado e analisado em sua vida cotidiana, perceber-se no interior de um esquema escopofólico no qual a conduta precisa ser a “correta” é um tipo de controle social ao qual muitos homens negros estão submetidos constantemente, mesmo que alguns subscrevam este controle (Mercer, 1997, p. 59).

Quando um homem negro é um indivíduo com êxito econômico sem compromisso com seu grupo racial ou um intelectual negro cujo isolamento o afasta de uma atuação política vista como legítima (o que o atrela a um grupo de origem e não o concebe como individualidade), ele é visto como “negro traidor e passivo”, sendo classificado como um ser distante da realidade racial vivida nas ruas. Quando discorda desta postura, o outro lado da cissiparidade é o retorno para a postura social do “*Gangsta Persona*” mencionado anteriormente: um estereótipo sobre masculinidade negra que pretende ser uma expressão do racialmente autêntico, bem como um tipo de conduta ideal que valida o homem negro como expressão de uma verdade racial identitária, seja quando este comportamento o localiza como o homem negro visto como signo de uma expressão musical legítima (Gilroy, 2001), como sujeito fetichizado em práticas homossexuais (Osmundo, 2012; 2014) ou como agente ativo de práticas heterossexuais violentas (hooks, 2004, p. 52).

Uma vez que a diferença, muitas vezes, provoca fascínios superlativos e exageros imaginários que implicam em controle representacional, o saber produzido sobre a alteridade pode causar um deslumbramento acrítico pelas diferenças sexuais, raciais, culturais e étnicas (hooks, 1992; Hall, 1997). Em face disto, é possível dizer que existe uma ativação do Outro que não o

---

<sup>4</sup> A influência de Paulo Freire nos escritos de bell hooks vai desde o uso da noção de pedagogia do diálogo que ela mobiliza nas análises sobre as relações entre homens e mulheres negras (hooks, 1989), até a construção da coletânea “*Teaching to Transgress: Education as the Practice of Freedom*” (hooks, 1994), no qual a ideia de educação como prática de aprender a ser livre politicamente é trazida para pensar a educação das populações negras como um ato de liberação dos eixos de opressões interconectados, incluindo-se a violência racial, sexual, a homofobia e a misoginia.

mobiliza como agência, no interior de um jogo de esconde-esconde que está “(...) sendo novamente realizado à custa do vasto silenciamento acerca da fascinação ocidental pelos corpos de homens e mulheres negros e de outras etnias” (Hall, 2009, p. 319).

Esta dicotomia, em uma análise mais contundente feita por Patrícia Collins, é apresentada sob dois arquétipos estereotipados: o “*Black Buddy*” e o “*Black Sidekick*”. Apresentadas como representações sobre comportamentos sociais informadas pela imagem controlada do escravizado servil, elas reeditam estereótipos sobre o homem negro em relações assimétricas através de símbolo da imagem conservadora do Tio Tom, a mesma imagem usada para falar sobre toquenismo (Collins, 2004, p. 167). Para Collins, o “*Black Sidekick*” é uma imagem de um acompanhante negro remunerado cuja incompletude social serve completamente ao seu condutor: um homem branco poderoso, racialmente democrático. Por outro lado, o “*Black Buddy*” é o amigo negro cuja identidade masculina incompleta apresenta a lealdade como atributo principal para servir de modo dependente à realização da masculinidade de um homem branco. Este “irmão negro” é, meramente, uma persona desracializada (*raceless*), sem identidade racial individual uma vez que sua agência política está em função de outra. Esta agência política está bastante dependente dos bens materiais e simbólicos que este homem branco escolhe oferecer ou não ao homem negro (Collins, 2004, p. 170).

Esta análise de Collins permite que sejam feitas críticas severas as maneiras como estas imagens controladas de servilidade relacional pretendem se confundir com todas as relações interraciais concretas. Ao explorar associações anacrônicas, estas imagens controladas de servilidade insistem em conceber homens negros em posições privilegiadas nas estruturas de classe a partir da subordinação relacional à que supostamente se colocam conscientemente para obter algum poder ou bens sociais, suprimindo a discussão sobre como estes homens negros vêm a si próprios nestas relações com sujeitos de outros grupos raciais. Ademais, negligencia-se o fato de que estas relações são parte importante (não fundamental, não crucial) das inúmeras relações que homens negros vivenciam no conjunto de suas vidas reais (Summers, 2005; Coates, 2015; Laymon, 2013).

Assim, se a perspectiva de cissiparidade é por um lado uma crítica contumaz ao lugar do homem negro em espaços de poder, ela pode também comprimir a compreensão das diferentes masculinidades negras e suas distintas possibilidades de agência e de escolhas políticas para além das próprias relações de poder. Análises que seguem a lógica da cissiparidade podem ser, por um lado, críticas pertinentes à comportamentos conservadores de homens negros, mas também, por outro lado, revelam um jogo de ansiedades analíticas que trabalham com a atribuição prévia de lugares sociais particulares para homens negros, criticando-os a partir do cumprimento ou não das expectativas comportamentais que deles se demandam, sejam elas politicamente combativas, sejam elas vivências solitárias no mundo da intelectualidade (Gates Jr, 2001; West, 1993).

Por outro lado, não se explica nestas análises que os movimentos em busca de mobilidade

social não são ações autossuficientes e não podem, desta maneira, dispensar as relações de interesses feitas também com pessoas não-negras. A participação no jogo de competição e negócios individualistas faz com que pessoas que participam do jogo capitalista sejam usuários dos mecanismos disponíveis para participar desta lógica de interesses políticos e econômicos utilitaristas e moralmente egoísticos (West, 1993; Coates, 2015; Neal, 2005). É este jogo que deve receber as críticas e não alguns dos seus jogadores, vistos como não pertencentes aos jogadores donos do sistema. Mesmo que seja possível substituir a violência e a exploração imanentes ao *ethos* de ganância do mercado capitalista por uma ética do amor (hooks, 2004, p. 60), não é a busca pela ascensão social e pelo bem estar material que é o objeto da crítica anti-capitalista feita por estas autoras do feminismo negro, mas sim a desonestidade, o racismo e a exploração dos discursos de solidariedade racial feito por políticos negros ricos e de classe média para fins eleitorais e mercadológicos, mas que se opõem as políticas afirmativas para negros pobres (hooks, 2000a).

De certo modo, parte destas análises elidem complexidades da subjetividade negra masculina que são ocultadas em razão da atenção dada à própria subordinação vivida por estes sujeitos como um aspecto imutável da estrutura. Por meio da ênfase sobre a marginalização de *uma* masculinidade negra, deixa-se de identificar outros modos pelas quais “a construção e a performance das masculinidades negras ocorrem fora das relações dos homens negros com o Estado e como elas, alternadamente ou mesmo simultaneamente, definem a resistência com a cultura dominante e criam o conflito no interior das comunidades subordinadas” (Summers, 2005, p. 13). Esta elisão acaba por revelar que o estudo das distintas formas de constituição das masculinidades negras deve ser feita em uma perspectiva de análise que busque a tensão, a ambivalência e o conflitivo, separando o estereótipos que perambulam sobre sujeitos reais e sobre suas práticas concretas dos próprios sujeitos e de suas próprias práticas, abrindo espaço para que os diferentes homens negros explorem os discursos disponíveis para falar sobre suas experiências sociais como experiências multifacetadas, polissêmicas e dissonantes.

Ao apresentar neste artigo algumas reflexões teóricas sobre masculinidades negras elaboradas por intelectuais do feminismo negro notadamente estadunidense, pretende-se registrar que esta produção, por ser diaspórica, pode ser reinscrita e reinstituída em outras sociedades erguidas na dominância, sociedades cujas estruturas complexas abrigam “relações de dominação e subordinação” (Hall, 1980, p. 325), permitindo que o feminismo negro seja um instrumento para (re)inscrever, (re)escrever análises sobre masculinidades negras escritas por homens negros.

As análises sobre masculinidades negras em certas realidades societais particulares podem ser redimensionadas a partir de distintas experiências em outros contextos sócio-culturais por meio de trocas intelectuais diaspóricas entre estes contextos e realidades, nos quais a discussão sobre a relação desigual entre o global e o local se soma à articulação entre o que é visto pelos sujeitos

como local e global. Estas análises podem somar as estratégias de leitura do feminismo negro.

Sugere-se, deste modo, que o estudo das distintas masculinidades negras existentes deve ser feito em uma perspectiva de análise que busque a tensão entre agência e controle social, privilégio e subordinação, possibilidades e limites, suplantando percepções sobre a realidade que concebem homens negros e suas relações de maneira monolítica e monista (Ikard, 2002). Buscar perceber práticas concretas é tensionar um “modelo de análise posicional” que muitas vezes toma o visível e o discursivo como a imagem direta e transparente do que *são* homens negros, previamente pensados como indivíduos imobilizados socialmente. Este modelo posicional pode nos levar a entender os grupos raciais e sexuais como conglomerados homogêneos localizados de modo estável em uma estrutura social hierárquica fixa, impenetrável e impermeável por mudanças e negociações políticas possíveis feitas por/entre estes grupos, retirando desta estrutura sua historicidade e mutabilidade.

Os estudos feitos no Brasil sobre masculinidades negras, corporalidade, estereótipos sexuais, sexualidade e a “produção de subjetividades de jovens homens negros” determinadas pela violência (Pinho, 2012; 2014, p. 311), masculinidades negras, exacerbação sexual e potência corporal, acesso e não-acesso ao poder patriarcal e estereótipos raciais (Nkosi, 2014; Souza, 2009) masculinidades negras, hip-hop, afirmação identitária, auto-defesa política, violência policial racial, pobreza econômica no espaço urbano e emasculação (Rosa, 2006; Silva, 2012) ajudam a delinear um campo de pesquisas crescente, constituindo caminhos conceituais e/ou temáticos significativos e produtivos para a elaboração de estudos e pesquisas sobre o tema homens e masculinidades negras. Porém, esta crítica sobre masculinidades e homens negros prova outros olhares quando inflexiona este quadro de discussão a partir do “sobre si mesmo” em experiências relacionais que (re)produzem elementos políticos envolvidos na constituição destas masculinidades.

A leitura feminista negra delineada aqui ajuda a fortalecer uma perspectiva de análise sobre masculinidades negras que possibilita constituir registros diferente sobre como raça, gênero e classe se interseccionam em processos de inscrição de sujeitos que muitas vezes confere um *lugar de negro* “encravado” nas práticas sociais (desde as ideias estereotipadas que circulam no dito senso comum, até as análises conceituais mais sofisticadas) atribuídas à homens negros: um eu racial marcado pela fisicalidade, integrante das camadas populares, super-heterossexual, pouco afetuoso, “legitimamente macho” e despido de qualquer feminilidade. Como resultado, esta leitura parece articular percepções sobre raça, gênero e classe em uma abordagem que gira em torno ou da potência/poder/quase-humanidade ou da negação desta potência/poder/quase-humanidade.

Esta abordagem tem trazido alguns resultados importantes quando articula a identificação, a compreensão e a denúncia de formas de violência e de discriminação institucionais e de genocídio de homens negros no espaço urbano e rural. Como consequência, esta chave “potência/poder” acaba por destacar a violência, a discriminação e os estereótipos raciais como “os” problemas decorrentes

do racismo em detrimento de outras fragilidades, vulnerabilidades, sofrimentos e suscetibilidades sociais que também existem entre estes sujeitos. Instilando um tipo de “masculinidade precarizada” mediante à vivência da subordinação e do sofrimento, pouca atenção é dada aos modos pelos quais a socialização articula sexismo e racismo na constituição de um sujeito social pouco conhecido e eminentemente complexo que acaba por ser visto, ironicamente, como “um” sujeito, produto do racismo e do sexismo, tornando a análise uma mera reafirmação da aparição racial de um corpo negro visto sempre em terceira pessoa, apenas um corpo (Fanon, 2008).

Como estes homens negros são socializados a ser *homens, negros e homens negros* na história e na experiência social vivida fora da oposição entre inocência e culpa, vilania e heroísmo, corpo e mente, sujeito e objeto, nós e eles? Como um homem negro se torna múltiplo, instável, contraditório, multifacetado e paradoxal em uma sociedade que o concebe com um ser simplório? Como discutir masculinidade negra entre jovens negros de camadas médias e/ou altas que não viveram privações materiais e econômicas, que estudaram e foram socializados em escolas de qualidade, que circulam pelas cidades brasileiras sem as restrições vividas por jovens negros de bairros periféricos e sob a proteção de uma família que lhes custeava viagens internacionais, cursos de idiomas e circula desde a infância em grupos sociais brancos, de camadas médias e/ou altas?

Que tipo de masculinidade negra pode ser tecida entre jovens negros de camadas populares que investem no trabalho intelectual e acadêmico mas precisam viver em famílias para as quais este trabalho é dispensável para suas necessidades básicas de sobrevivência material? Ainda é possível pensar em masculinidades negras a partir do que Paul Gilroy (2001) chamou de “eu racial pensante” entre homens negros com vidas tão diversas? Quais similaridades e diferenças existem entre os significados de ser homem e negro entre héterossexuais e homossexuais? Que tipo de privilégios patriarcais homens negros submetidos à processos de precarização política, social e econômica podem viver? Devemos falar de “Homens Negros” ou “Negros Homens”?

O desenvolvimento de um *conhecimento em primeira pessoa* – um tipo de posicionalidade metodológica, analítica e política radicalizada teoricamente pelo feminismo negro pode ser retraduzida nos debates sobre masculinidades negras no Brasil. O que o feminismo negro pode instigar é um exercício de pensar sobre si entre homens negros deve ser um conhecimento em primeira pessoa que se traduza em um vocabulário analítico que revele os múltiplos e complexos aspectos da vida social de diferentes homens negros, homens negros múltiplos que são “negro-vida”, como nos ensinou Guerreiro Ramos (1995, p. 215) um tipo de sujeito que “não se deixa imobilizar; é despistador, protético, multiforme” em oposição ao “negro-tema”, uma coisa examinada de fora. Homens negros são, deste modo, múltiplos, instáveis, contraditórios, multifacetados e paradoxais.

## **Bibliografia Consultada:**

APPADURAI, Arjun. **Putting Hierarchy in Its Place**. In: Cultural Anthropology, Vol. 3, No. 1, Place and Voice in Anthropological Theory (Feb.), pp. 36-49, 1988.

AWKWARD, Michael. A Black Man's Place in Black Feminist Criticism. **Traps: African American Men on Gender and Sexuality**. (orgs.) BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. Indiana University Press, pp. 223-235, 2001.

CARVALHO, Marília. **Sucesso e Fracasso Escolar: uma questão de gênero**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v, 29, n. 1, jan./jun. 2003.

CARVALHO, Marília. **Quem são os meninos que fracassam na escola?** Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 34, n. 121, jan.-abr. 2004a.

CARVALHO, Marília. **O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça**. Cadernos Pagu, Campinas, v. 22, no 1, jan.-jun. 2004b.

CARVALHO, Marília. **Quem é negro, quem é branco: desempenho escolar e classificação racial de alunos**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 28, Jan /Fev /Mar /Abr, 2005.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

CARNEIRO, Sueli. Novas Perspectivas para a Militância Feminista e os Rumos do Feminismo Negro na América Latina (Debate). In: **Anais do Festival da Mulher Afro-Latino-Americana e Caribenha**, Brasília.. Brasília: Grio, 2013. p. 175-183.

\_\_\_\_\_. Defining Black Feminism. In: **Connecting Across Cultures and Continents: Black Women Speak Out on Identity, Race and Development**, Ed. Achola O. Pala,. New York: United Nations Development Fund for Women. p. 11–18, 1995.

CONNEL, R. W. **The Men and The Boys**. University Of California Press, 2000.

\_\_\_\_\_. La Organización Social de La Masculinidad. In: VALDÉS, T. & OLAVARRÍA, J. (Orgs.). **Masculinidad/es, Poder y Crisis**. Flacso, Chile, pp. 31-48, 1997.

COLLINS, Patricia H. **Learnig from the Outsider Within: the Sociological Significance of Black Feminist Thought**. Social Problems, v. 33, n. 6, (Oct.-Dec.), p. 14-32, 1986.

\_\_\_\_\_. **Intersections of race, class, gender, and nation: some implications for black family studies**. Journal of Comparative Family Studies. 29.1 Spring, p 27-34, 1998.

\_\_\_\_\_. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Gender, Black Feminism, and Black Political Economy**. In: ANNALS of the American Academy of Political and Social Science, n. 568: v. 41, 2000b.

\_\_\_\_\_. **Black Sexual Politics: African Americans, Gender and the New Racism**. New York: Routledge, 2004.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**. Stanford Law Review, vol. 43, n. 124, 1993.

COATES, Ta-Nehisi. **Between the World and Me**. New York: Spiegel & Grau, 2015.

IKARD, David. “**Love Jones: A Black Male Feminist Critique of Chester Himes's If He Hollers Let Him Go**”. African American Review, vol. 36, n. 2, 2002.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Rio de Janeiro. Ed. Fator, 1983.

FIALHO, Fabrício. **Uma crítica ao conceito de masculinidade hegemônica**, 2006. Disponível em: [http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006\\_9.pdf](http://www.ics.ul.pt/publicacoes/workingpapers/wp2006/wp2006_9.pdf). Acesso em: 10 jan. 2015.

FIGUEROA-PEREA, Juan. La Representación Social de los Varones en Estudios sobre Masculinidades y Reproducción: un muestrario de reflexiones In: MEDRADO, B. et al. (Orgs.). **Homens: tempos, praticas e vozes**. Recife: Instituto Papai/Fages/Nepo/Pegapacápá, p.22-34, 2004.

FOUCAULT, Michel, What is an Author?. In: **Language, Counter-Memory: Selected Essays and Interviews**. BOUCHARD, Donald F. (Org.). Ithaca, New York: Cornell University Press, 1977, pp. 113-138.

GATES Jr. Henry Louis. Thirteen Ways of Looking at a Black Man. **Traps: African American Men on Gender and Sexuality**. (orgs.) BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. Indiana University Press, pp. 223-235, 2001.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo: Editora 34; Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, C. E. Afro-Asiáticos, 2001.

\_\_\_\_\_. **Entre Campos: Nações, Culturas e o fascínio da Raça**. São Paulo, Annablume, 2007.

HALL Stuart. Race, Articulation and Societies Structured in Dominance. In **Sociological Theories: Race and Colonialism**. Paris: UNESCO, p. 305-345, 1980.

\_\_\_\_\_. (org.) The Work of Representation. In: **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London, Sage Publications, pp. 15-63, 1997.

\_\_\_\_\_. Que “negro” é esse da cultura negra? In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org.). Belo Horizonte, Editora UFMG, 2009.

hooks, bell. **Talking back: thinking feminist, thinking black**. Boston: South End Press, 1989.

\_\_\_\_\_. Postmodern Blackness. In: **Yearning: Race, Gender, and Cultural Politics**. Boston: South End P, pp: 624-631, 1990.

\_\_\_\_\_. **Essentialism and Experience**. In: American Literary History, v. 3, n. 1, p. 172-183, 1991.

\_\_\_\_\_. **Black Looks: race and representation**. Boston: South End Press, 1992.

\_\_\_\_\_. **A Revolution of Values: The promise of Multi-Cultural Change**, In: The Journal of Midwest Modern Language Association, vol. 26, n. 1, pp. 4-11, 1993.

\_\_\_\_\_. **An Aesthetic of Blackness: Strange and Oppositional**, In: Lenox Avenue: A Journal of Inter-Arts Inquiry, vol. 1, pp. 65-72, 1995.

\_\_\_\_\_; McKINNON, Tanya. **Sisterhood: Beyond Public and Private**, In: Signs: Feminist Theory and Practice, Vol. 21, n. 4, (Summer), pp. 814-829, 1996.

\_\_\_\_\_. **Feminist Theory: from margin to center**. New York: South and Press, 2<sup>a</sup> Ed. [1984] 2000.

\_\_\_\_\_. **Where we stand: class matters**. New York: Routledge, 2000a.

\_\_\_\_\_. **Feminism is for Everybody**. Cambridge: South end Press, 2000b.

\_\_\_\_\_. Living to Love. In: PLOTT, Michele; UMANSKY, Lauri. **Making Sense of Women's Lives: An Introduction to Women's Studies**. Maryland: Rowman & Littlefield, p. 231-236. 2000c,

\_\_\_\_\_. **We Real Cool: black man and masculinity**. New York: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. **Ensinar novas paisagens, novas linguagens**. In: Estudos Feministas, Florianópolis, 16(3): 857-864, (Set.-Dez), 2008.

IKARD, David. **A Black Male Feminist Critique of Chester Himes's "If He Hollers Let Him Go"**. African American Review, Vol. 36, No. 2 (Summer), 2002, pp. 299-310.

JOHNSON, Charles. A Phenomenology of the Black Body. In: **Traps: African American Men on Gender and Sexuality**. (orgs.) BYRD, Rudolph & GUY-SHEFTALL, Beverly. Indiana University Press, p. 223-235, 2001.

LAYMON, Kiese. **How to slowly kill yourself and others in America**. Chicago: Bolden, 2013.

MERCER, Kobena. Reading Racial Fetishism. In: HALL, Stuart (org.). **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices**. London, Sage Publications, pp. 153-164, 1997.

MEDRADO, Benedito. Princípios ou simplesmente pontos de partida fundamentais para uma leitura feminista de gênero sobre os homens e as masculinidades. In: **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** (org.) BLAY, Eva Alterman. São Paulo: Cultura Academica, 2014.

NEAL, Mark Anthony. **New Black Man**. New York, Routledge, 2005.

NKOSI, Deivison. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher** (org.) BLAY, Eva Alterman. São Paulo: Cultura Academica, 2014.

PINHO, Osmundo. The Black Male Body and Sex Wars in Brazil. **Queering Paradigms: South-North Dialogues on Queer Epistemologies, Embodiments and Activisms**. LEWIS, Elizabeth S.; BORBA, Rodrigo; FABRICIO, Branca F.; PINTO, Diana de S. (Orgs.), vol. 4, p. 301-321, 2014.

\_\_\_\_\_. **Race Fucker: representações raciais na pornografia gay**. Cadernos Pagu n. 38, Janeiro-junho de, pp.159-195, 2012.

ROSA, Wladimir. **Homem preto do gueto: um estudo sobre a masculinidade no rap brasileiro**. Brasília: Dissertação (mestrado em antropologia). Departamento de Antropologia, UNB, 2006.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Educação Formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo**. Estudos Feministas. n. 2, 2001a.

\_\_\_\_\_. **Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990**. Cadernos Pagu (16): pp.151-197, 2001b.

RAMOS, Guerreiro. Patologia Social do Branco Brasil. In: **Introdução crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRG, pp. 215-240, 1995.

SAFFIOTH, Heleith. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade**. São Paulo: Quatro Artes, 2014 [1969].

SCOTT, J. Experiência. In: RAMOS, T. (org.). **Falas de Gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, p. 21-55, 1999.

STEINER-KHAMSI, Gita. **The Politics and Economics of Comparison**. Comparative Education Review, v. 54, n. 3, 2010, p. 323-342.

SOUZA, Rolf. **As representações do homem negro e suas consequências**. Revista Forum Identidades, Ano 3, Vol. 6, jul-dez., 2009.

SUMMERS, Martin. **Manliness & Its Discontents: the black middle class & the transformation of masculinity 1900-1930**. The University of North Carolina Press, 2004.

SILVA, Adriano Bueno. **Palavra de Mano: luta de classe e tensão racial na palavra dos manos: uma análise sócio-histórica da formação do Rap como gênero do discurso.** Campinas, Dissertação, Universidade de Campinas, 2012.

WEST, Cornel. **Questão de Raça.** São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

\_\_\_\_\_. **Kepping Faith: Philosophy and Race in America.** New York, Routledge, 1993.

FERRARO, A. R. **Escolarização no Brasil: articulando as perspectivas de gênero, raça e classe social.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 36, n.2, p. 505-526, maio/ago.2010.